



«O DELFIM»
de José Cardoso Pires

O português prático ou de, como tendo sido, somos

Um clássico. Um clássico da depuração, do rigor. Um clássico da crónica-retrato do português-Portugal. Livro que o tempo não devora, nem abranda. Antes aviva. Um clássico no sentido de que não leva nada a mais, nem a menos. Um clássico no sentido do olhar exactíssimo e cirúrgico. E no sentido da absoluta precisão da linguagem.

«O Delfim», narrativa de um tempo particularmente doloroso para nós todos, é lúcida denúncia e combate sem se ficar na circunstância. Vem de mais fundo e vai para mais longe, esta narrativa. Vem de mais fundo na História da Cultura e na História das Mentalidades. E alcança uma perspectiva quase cultural e moralmente profética. Parecendo, habilmente, menos.

Concerto de câmara, às vezes, solo, virtuoso da linguagem, virtuoso da precisão conceptual, «O Delfim», de José Cardoso Pires, diz-nos, se quiserem, os Portugueses.

O Português, nos seus tiques, no seu vacilar, no seu respiro. Socialmente situado. Mas para além dessa situação. O Português radical e matricial.

Episódio a partir do qual se pode reconstituir, como do osso do tiranossauro (e não seria necessária tanta ferocidade), o que nos ficava, então, social, culturalmente, e, claro, politicamente, nos anos desta narrativa, a montante e a jusante, há no «Delfim» um Todo-o-Português-e-Ninguém, **pivot** desta meia-novela-meio-romance, amargo de optimismo, de lúcida e irónica ciência, e de amor. Um dos livros de uma geração, este. Inteiramente insubstituível. Vazio de biblioteca que lhe tenha passado ao lado. E que encontra, agora, nesta reedição da Dom Quixote, a oportunidade.

Publicações Dom Quixote, Lisboa,
1988. 10.ª edição. 227 páginas.
1300\$00.

